

Caros leitores,

Se possível deixe seu visualizador de PDF no modo duas páginas por folha. Dessa forma você conseguirá aproveitar melhor a leitura.

Grata,

A autora.



**DE DENTRO
DA ESCOLA:**
Possibilidades
dialógicas e o
ensino de artes

Lígia Gonçalves Costa

DE DENTRO DA ESCOLA:

Possibilidades dialógicas
e o ensino de artes

Orientador: Prof. Dr. Pedro
Augusto Dutra de Oliveira

Juiz de Fora
2020

DE DENTRO DA ESCOLA:

Possibilidades dialógicas e o ensino de artes

Lígia Gonçalves Costa – Residente de Artes

Trabalho de Formação Docente apresentado como exigência parcial à obtenção do título de Especialista em Residência Docente.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Augusto Dutra de Oliveira

SUMÁRIO

| | |
|---|--|
| Agradecimentos..... | |
| Sobre mim..... | |
| Sobre a pesquisa..... | |
| Apresentação da proposta artística..... | |
| Corpo e movimento..... | |
| A criança ensina..... | |
| É preciso arriscar e acreditar..... | |
| Alegria e sorrisos que contagiam..... | |
| Envolvimento e dedicação..... | |
| Ocupar os espaços..... | |
| A riqueza da troca..... | |
| Diálogos entre ensinar e aprender..... | |
| Autonomia e (na) criação..... | |
| A importância da escuta..... | |
| O educador e a autoridade..... | |
| Onde estão os educadores? | |
| Faz bem se entregar..... | |
| Palavras de encerramento..... | |
| Referências..... | |

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo financiamento do Programa de Residência Docente e a toda comunidade do Colégio de Aplicação João XXIII pela calorosa acolhida.

A Olga Egas e Francione Carvalho, meus amigos, professores e parceiros, pelo incentivo à participação no programa, por acreditarem no meu potencial, por acompanharem meu crescimento e valorizarem meu trabalho e o meu jeito de ser.

A Pedro Dutra e Renata Caetano, meus orientadores, pela recepção, abertura e disponibilidade de troca. Foi um prazer enorme conhecer de perto o trabalho, a energia, a crença e os desejos de vocês.

Aos professores e as coordenadoras do programa, pelas aulas ministradas, pelos momentos de troca, pelo despertar de tantas questões e pelo suporte constante na construção coletiva dessa nova proposta de formação.

Aos colegas residentes, pela parceria na caminhada. Foi uma jornada exaustiva, porém rica e completa. Lembranças das viagens, das aulas, dos eventos e principalmente dos sorrisos e do brilho nos olhos de quem carrega esperança ficarão para sempre.

Ao Marcelo, meu companheiro, pelo amor e compreensão. Momentos difíceis, distantes, superados com calma e afeto.

A minha família por sempre serem a minha base.

E para finalizar, as crianças, que me formam e dão vida a este livro. Sou grata por tanto aprendizado.

SOBRE MIM

O universo da criança foi apontando os meus caminhos.

Entrei na faculdade de Artes querendo trabalhar com design, mas logo no início da minha trajetória, por ter uma vivência com a dança desde os meus seis anos de idade, comecei a dar aula no Colégio de Aplicação João XXIII como bolsista do Projeto de Extensão *Dança na Escola*. Foi também nesse espaço que conheci e aprendi as artes circenses e em poucos meses já ministrava essas atividades para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por conta do relacionamento com as crianças, do desafio em assumir turmas e da postura que deveria me comportar durante as aulas de dança e de circo, optei por cursos voltados para área da educação, na minha faculdade, que era interdisciplinar.

A livre possibilidade de caminhar pela graduação experimentando as diferentes áreas das artes é uma alternativa extremamente enriquecedora. E nesse caminhar, fui descobrindo o encantamento pelo universo do ensinar e aprender e foi aí que tracei meus próximos passos.

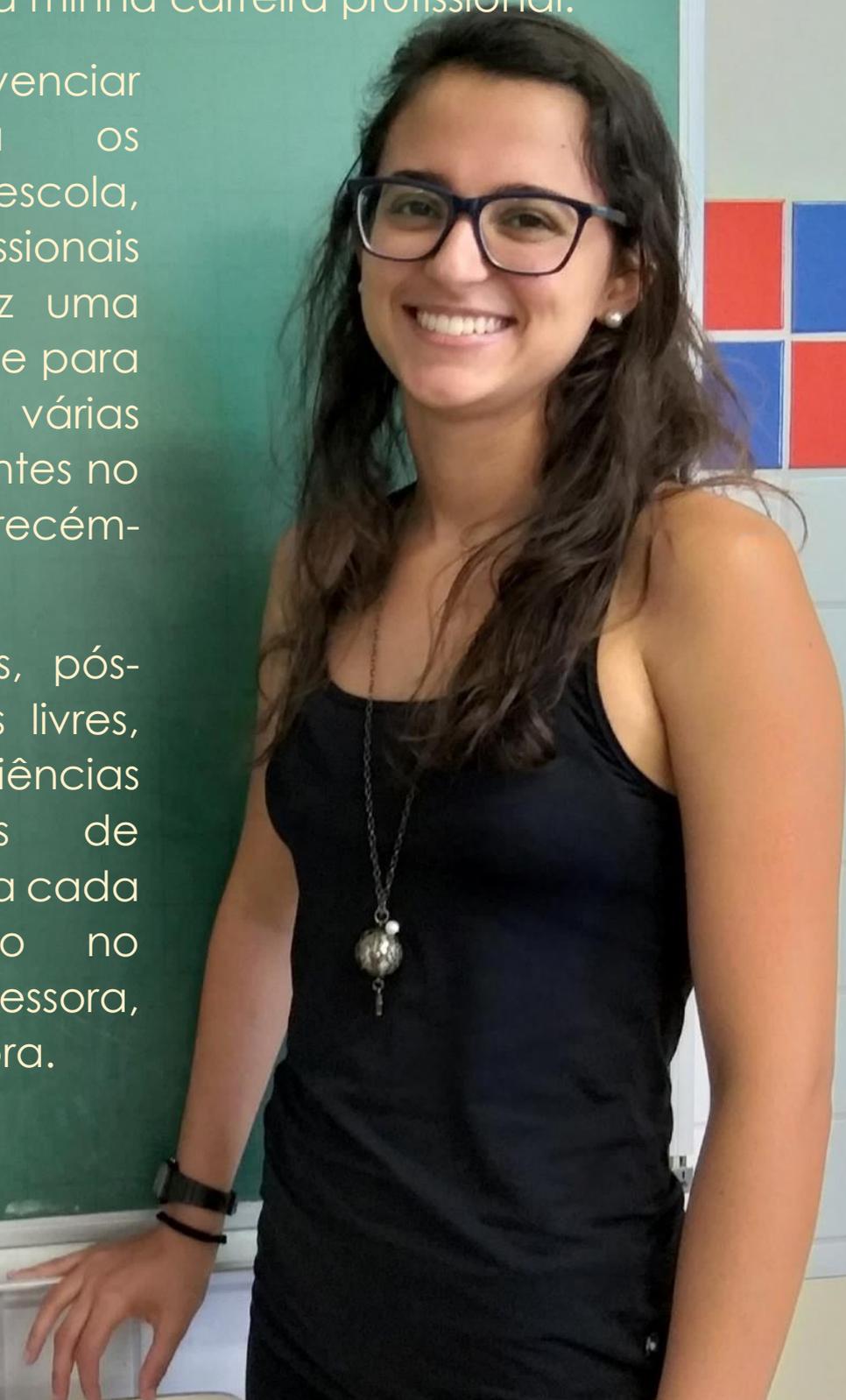
Depois de me licenciar em Artes Visuais, dei continuidade aos estudos numa especialização em ensino dessa mesma área e também escolhi me aprofundar no universo infantil investindo numa formação em Pedagogia. Um curso ímpar, que prega a Pedagogia para Liberdade buscando diferentes formas de abordar os processos educativos.

Alcançando o dia de hoje, finalizo uma segunda especialização que se deu por um Programa de Residência

Docente, oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, que oportunizou uma linda imersão nesse mesmo Colégio que me acolheu no início da minha trajetória e despertou o meu caminhar. Uma parceria com a professora de Artes Visuais e o professor de Música fundamentais para um passo importante da minha carreira profissional.

Acompanhar e vivenciar com autonomia os espaços da escola, orientada por profissionais já experientes, traz uma contribuição enorme para o fim de várias inseguranças presentes no universo dos recém-formados.

Dentre graduações, pós-graduações, cursos livres, oficinas, experiências docentes, grupos de pesquisa, aprimoro a cada dia meu espaço no mundo como professora, artista e pesquisadora.



SOBRE A PESQUISA

Toda pesquisa começa com uma pergunta, ou mais de uma. “O que as crianças me ensinam?” e “O que eu aprendo na escola como professora residente?” foram as principais que me acompanharam na trajetória deste trabalho.

Brandão (2006, p. 52) escreve que durante a pesquisa “praticamos uma alternativa de criação de conhecimentos humanos e sociais em que o diálogo e o reconhecimento do outro, através daquilo em que ele nos é diferente, ocupam sempre um lugar de destaque em nossas agendas de princípios.”

Foi convivendo com as crianças, seja dando aula, fotografando, conversando ou simplesmente observando, que descobri quantos aprendizados valiosos e sutis acontecem entre elas e entre nós. Isso me enriqueceu muito na busca do ser professora.

Depois de passar por uma série de cursos formativos, aproveitei mais essa oportunidade da residência docente para praticar um olhar atento para educação. Além da constante procura pela capacitação e aperfeiçoamento das teorias, por aqui eu também vim buscar pelos saberes mais humanos, construídos através do diálogo e do afeto.

Alves (2012, p. 33) diz que “a questão não é somar saberes, mas subtrair saberes... para que possam ver coisas que nunca viram. E é isso que importa. É assim que se inicia a sabedoria” Minha descoberta se deu nas entrelinhas. O que acontecia nos lugares, nos não-lugares dos olhares, dos gestos, das falas e atitudes que normalmente não são ouvidos ou vistos com a potencialidade que merecem.

No início da residência - o programa teve duração de um ano, iniciado no mês de abril de 2019 - meu orientador

Pedro, sugeriu uma alternativa de pesquisa que foi a escrita dos diários de campo. Todos os dias, após a vivência em sala de aula, eu escrevia resumidamente o que tinha se passado naquele dia, junto das minhas observações e aprendizados.

Além dos diários de campo, fotografei alguns momentos que me chamavam atenção e sem querer criei uma coleção de registros e impressões.

Quando chegou a hora de pensar num projeto final, a ser apresentado como exigência para titulação, quis reunir uma parte dos meus aprendizados, das minhas vivências e reflexões.

Foi então que escolhemos juntar as anotações dos meus diários, criar narrativas visuais com minhas fotografias, aprofundar nos conceitos e conhecer outras teorias a partir do referencial teórico selecionado por nós.

Tive influência de algumas características da Pesquisa Participante, onde ensino e pesquisa se confundem. A sala de aula se fez meu lugar de pesquisa e esse lugar é também o local de aprendizagem. Eu aprendo com aquele que é pesquisado: foi o que as crianças me proporcionaram.

O fio condutor da construção do projeto foi a criação de narrativas visuais, que segundo Guimarães (2010, p. 36) “são poderosas ferramentas de apreensão cognitiva, de construção de uma trajetória de pesquisa e de apreensão pedagógica.”

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA ARTÍSTICA

Eu vim trazer um pouco do que todo mundo pode ver, do que realmente acontece na escola, mas através de um olhar sensível, humanizado e simples. Com a ajuda de nosso mestre Paulo Freire e outras referências da educação que me acompanharam e me formaram até aqui, escolhi criar treze capítulos para apresentar as minhas descobertas diárias.

Os capítulos são recheados de fotografias autorais, trabalho idealizado pela Pesquisa Educacional Baseada nas Artes Visuais, em que as imagens

descrevem, analisam e interpretam os processos e atividades educativas e artísticas; constituem um meio de representação do conhecimento; organizam e demonstram ideias, hipóteses e teorias tal qual as outras formas de conhecimento além de proporcionar informação estética desses processos, objetivos ou atividades (EGAS, 2015, p. 3436).

Junto das imagens trago citações de autores importantes para mim, que auxiliaram na reflexão do pensar a educação dialógica e também fragmentos dos meus diários de campo com pequenas histórias e alguns pensamentos.

Para cada capítulo um texto autoral reflexivo com aquilo que mais me despertava a atenção diante do tema. Cada texto vem datado como um diário, entretanto, o mês que dá nome ao texto de cada capítulo não tem relação direta com a experiência vivida, relatada ou fotografada. É apenas uma brincadeira que alia os treze capítulos deste livro com os treze meses de trabalho realizados na Residência.

As observações, os apontamentos, as reflexões e as imagens são composições simples que falam de coisas de gente. Gente na sua incompletude, na sua disposição e alegria.

O segredo da pesquisa talvez esteja em penetrar esse simples, movimentar-se dentro dele, entre suas fissuras e saliências. Esse simples e óbvio não nos encontra na escrivaninha, protegidos entre o livro, atrás da tela do computador. O óbvio nos encontra nas ruas, nas salas de aula, nas rodas de conversa, sempre que estejamos dispostos a um tipo de escuta (STRECK, 2006, p. 265).

Pesquisar implica a capacidade de escutar, um escutar denso, intenso e (im)paciente (STRECK, 2006, p. 265). Foram essas escutas que me fizeram entender os processos de ensino, vivenciar as trocas e assim poder aprofundar o meu lugar de educadora.

Foi uma prática intensa, que me oportunizou vivenciar o chão da escola durante um ano, acompanhada de profissionais mais experientes que me deram de presente parcerias, aprendizados, ensinamentos e o principal, a eterna busca pela prática reflexiva.

Traçando um paralelo e buscando semelhanças entre o meu lugar de pesquisadora e o lugar das crianças como educandas em sala de aula, procuramos ter participações ativas, críticas e criativas.

Protagonizando a figura da pesquisadora e dos educandos, encerro sugerindo uma similaridade desses personagens.

A confiabilidade de uma ciência não está tanto no rigor positivo de seu pensamento, mas na contribuição de sua prática na procura coletiva de conhecimentos que tornem o ser humano não apenas instruído e mais sábio, mas igualmente mais justo, livre, crítico, criativo, participativo, co-responsável e solidário (BRANDÃO, 2006, p. 24).

CORPO E MOVIMENTO



Minha jornada estava começando nesse processo da Residência Docente. Por tantas coisas eu passei para chegar até aqui. As crianças que apresentaram o meu lugar na docência, hoje me recebem, mais uma vez, de maneira brincante.

Como os corpos delas contam histórias, se expressam, mostram se você está acertando naquilo que propõe e apontam o que pode melhorar – sem muito critério, a espontaneidade aparece para nos ensinar.

Não vou me esquecer de que uma das primeiras anotações que fiz em meu diário de campo foi a respeito dos pezinhos, que ainda muito miúdos, não alcançam o chão quando sentadas nas cadeiras. Mas ao sintonizarem com algum tipo de som ou mesmo ao se depararem com uma ansiedade de ouvir a proposta do professor, eles não param de balançar.

Quanto um movimento simples pode nos mostrar? Que encanto poder compartilhar momentos com crianças que querem aprender, que topam qualquer proposta pensada pra eles, desbravam a escola com vontade, anseio e alegria.

É um dever lutar para que esses pezinhos continuem balançando na carteira, seja no ritmo da música, numa brincadeira com o colega do lado ou simplesmente uma forma de dizer “estou aqui”: estou aqui para brincar, para aprender, para ensinar, para compartilhar.

[...] a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

Paulo Freire ¹





Meu coração ainda bate mais forte pelas dinâmicas que desafiam os corpos, que os tiram do formato mesa-caderno-carteira

Diário de campo, 25 de junho de 2019

Ninguém nos ensina como a criança aprende cantando, dançando, se mexendo, correndo – por vezes até abominam a questão do brincar. Esquecemos que eles têm apenas seis anos e todas as ações vêm carregadas de intenções e significados. É um desafio constante buscar pelo equilíbrio. Não podemos prendê-los ou formatá-los nas carteiras, mas precisa existir o momento de ouvir, de ver o conceito para saberem reproduzir e criar a partir dele.

Diário de campo, 03 de julho de 2019





O nosso é um trabalho realizado com gente miúda, [...] gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir.

Paulo Freire 2

McLaren (1991) afirma que toda prática social, incluindo a de ser escolarizado, exige o corpo. Se os corpos se constroem mediados pela história e, por isso, estão carregados dos valores da sociedade na qual estão inseridos, é preciso que a educação parta da realidade dos educadores, das educadoras e das crianças, mas que não se limite apenas a ela. É necessário que a escola atue no sentido de considerar a importância do corpo, enfim, que seja capaz de construir uma corporeidade solidária.

Márcio Xavier Bonorino Figueiredo ³



Uma escola em que o saber vá nascendo das perguntas que o corpo faz. Uma escola em que o ponto de referência não seja o programa oficial a ser cumprido (inutilmente!), mas o corpo da criança que vive, admira, encanta-se, espanta-se, pergunta, enfia o dedo, prova com a boca, erra, machuca-se, brinca. Uma escola que seja iluminada pelo brilho dos inícios.

Rubem Alves ⁴



Então, ele contou que está escrevendo a estória de Pinóquio ao contrário: não a estória do Pinóquio que é um boneco de madeira ao qual a escola transforma num menino de carne e osso com alma de gente, mas a estória do menino de carne e osso e alma de gente ao qual a escola transforma num adulto de madeira, rígido e triste como Pinóquio.

Rubem Alves ⁵

¹ FREIRE, 2019, p. 91

² FREIRE, 2019, p.141

³ McLAREN in FIGUEIREDO, 2010, p. 93

⁴ ALVES, 2012, p. 56

⁵ ALVES, 2012, p. 26

A CRIANÇA ENSINA



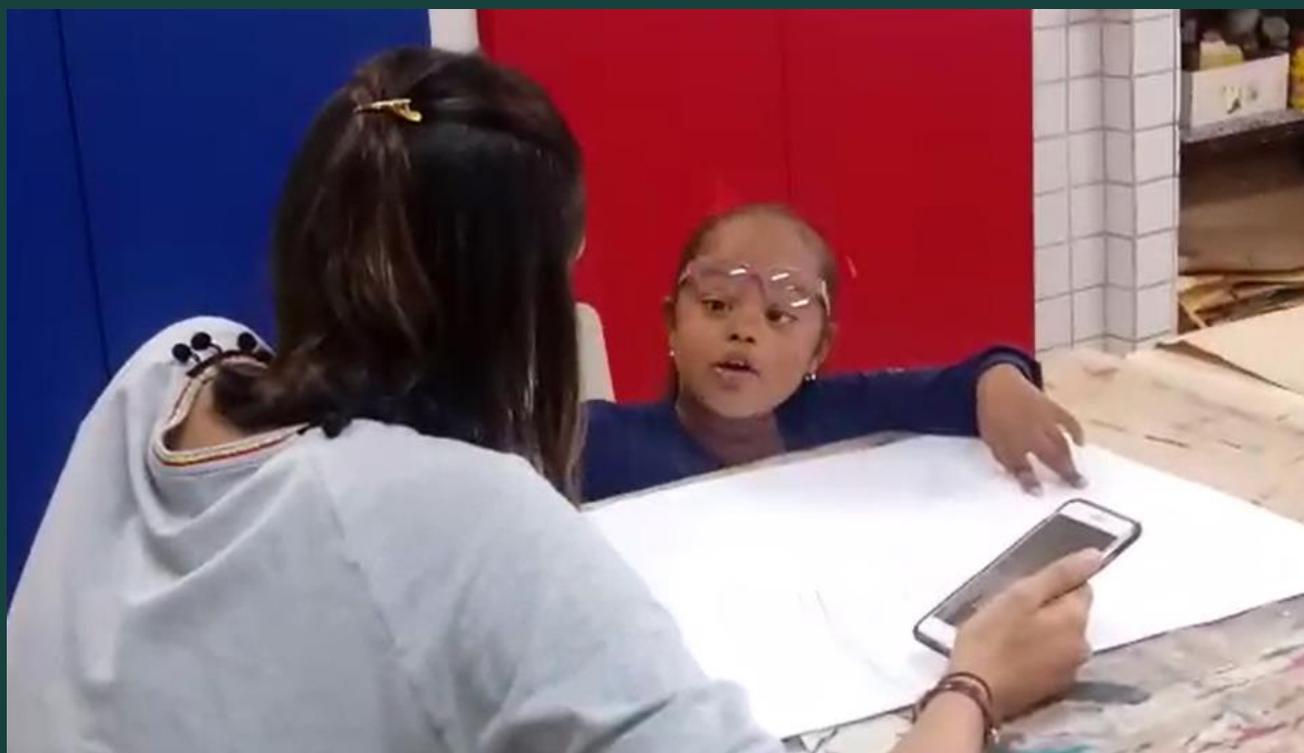
Maio de 2019: A CRIANÇA (NOS) ENSINA

Os educandos e educandas tem o direito de aprender e os educadores e educadoras, o dever de ensinar, entretanto, na rotina escolar, no ambiente de pesquisa, percebemos como esses caminhos se cruzam e as trocas vão muito além da unilateralidade.

Estava ali entendendo como cumprir e buscando estratégias para aperfeiçoar o meu papel de professora, inicialmente focava no verbo “ensinar”, mas que surpresa descobrir quanta coisa eu aprendia diariamente com a autonomia daquelas crianças.

Elas ocupam seus lugares com muita propriedade e a partir do momento que sabem, também ensinam – ensinam os amigos, a nós professores, a coordenadora, as funcionárias da cantina e todos que passarem pelos seus caminhos.

Cada gesto, cada olhar e cada escolha de movimento nos afirmam o quanto elas podem ocupar o lugar também do ensinar.



Renata, professora de Artes Visuais, preparou uma aula para as turmas dos segundos anos do Ensino Fundamental em que o tema era paisagem.

No dia anterior, ao me passar o planejamento dos slides, a programação da aula e me dizer onde pretendia chegar com as crianças, Renata comentou sobre uma das obras que selecionou, de Rachel Whiteread – uma instalação em que a artista trabalha com os espaços preenchidos, com as questões do cheio e do vazio. São trabalhos poéticos e sensíveis.

Será que as crianças vão entender? Será que não vai ser muito abstrato pra elas? Vai dar pra entender a relação com o tema paisagem? As perguntas eram muitas, mas era preciso testar.

A aula caminhou bem, com a participação sempre empolgante das crianças que gostam e querem interagir com todas as imagens – dizer o que estão vendo ou contar uma história que despertou a partir delas. Mas ao escutarem a história da obra de Rachel e verem as imagens, Amanda, eufórica, levantou a mão pedindo para falar. A pequena menina sintetizou perfeitamente dizendo: “ah, sim, entendi! É igual quando a gente vai na praia e faz castelo de areia. A nossa construção é o que a gente preenche lá dentro”.

Nossos olhos brilharam e o sorriso foi de orelha a orelha. Amanda, de sete anos, deduziu o processo da artista e trouxe para o contexto da turma com a simplicidade de uma criança. São cenas como essa que viram histórias pra contar. O aprendizado do dia marcou quando Renata comentou concluindo “não devemos subestimar as crianças. Podemos explorar sem medo o potencial delas, ele é enorme!”

Diário de campo, 6 de agosto de 2019

Guilherme, 6 anos, parecia estar triste nas aulas de música, já tínhamos observado isso. Muitas vezes ele escolhia não participar das brincadeiras, ficava sentado no canto da sala, com um semblante desanimado. Nas fotografias ele costumava sair de braços cruzados e quase sempre com um boné e o capuz do moletom ajudando a esconder seu rosto. Essa cena incomodava demais a mim e ao Pedro, professor de música. Ficávamos imaginando o que ele deveria estar pensando, supúnhamos algum problema trazido de casa, mas ao mesmo tempo sempre tentando respeitar o processo dele e entendendo o seu tempo.

Há alguns dias ele pediu ao professor para tocar o *Cajon*, um instrumento de percussão ainda não usado nas aulas para o primeiro ano. Foi naquele instante que descobrimos que Guilherme tocava com segurança e alegria. Se bem me recordo aprendeu por conta de um tio ou um irmão que tocam numa banda.

Pedro convidou o menino para tocar com ele. Enquanto Pedro assumia o piano, ele estava ao seu lado, atento e dedicado tocando o *Cajon*. A partir desse dia, Guilherme tirou o capuz da frente do rosto e passou a sorrir.

Agora, nas aulas de música ele brinca, aproveita, sente orgulho do seu lugar e participa - ora ele se coloca para ajudar o professor a conduzir o ritmo, ora ele escolhe se juntar aos colegas para cumprir a tarefa ou o desafio da brincadeira.

Quanta coisa ele nos ensinou. O aprendizado pode estar nas sutilezas, precisamos estar atentos para saber ouvi-las. Elas nos ensinam! A criança ensina!

Diário de campo, 18 de junho de 2019





Você me mostra, você me ensina como é que você vive, como é que você sente, como é que você pensa, como é que você faz isso e aquilo. E eu mostro e ensino a você como é que eu sinto e penso, como é que eu vivo e faço aquilo e isso. Aí então seria possível construirmos juntos, uma maneira de ser e de viver, um jeito de sentir e de pensar, uma forma de fazer e de criar que sejam mais nossos de verdade. Que sejam mais criativos.

Carlos Rodrigues Brandão ¹



**Quem ensina
aprende ao ensinar
e quem aprende
ensina ao aprender.**

Paulo Freire ²



**O educador será
sempre o que sabe,
enquanto os
educandos serão
sempre os que não
sabem. A rigidez
destas posições nega
a educação e o
conhecimento como
processo de busca.**

Paulo Freire ³

Qual é a coisa mais difícil de ser ensinada, mais difícil de ser aprendida, quem ensina não sabe que está ensinando, quem aprende não sabe que está aprendendo e, ao final, a aprendizagem acontece sempre? É a linguagem. Não existe nada, absolutamente nada, que se compare à linguagem em complexidade. No entanto, sem que haja qualquer ensino formal, sem que os que ensinam a falar – pai, mãe, tio, avô, irmãos – tenham tido aulas teóricas sobre a formação da linguagem, as crianças aprendem a falar.

[...] Por que é que a aprendizagem da linguagem é tão perfeita, sendo tão informal e tão sem ordem certa? Porque ela vai acontecendo seguindo a experiência vital da criança: o falar vai colado à experiência que está acontecendo no presente.

Rubem Alves 4

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

Paulo Freire ⁵

Todos vamos ter que ser professores de todos e cada um dos que sabem um pouco mais ensinará os que sabem um pouco menos

Agostinho da Silva ⁶

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação.

Paulo Freire ⁷

**Ninguém educa ninguém, como
tampouco ninguém se educa a si
mesmo: os homens se educam em
comunhão, mediatizados pelo
mundo. Mediatizados pelos objetos
cognoscíveis que, na prática
“bancária”, são possuídos pelo
educador que os descreve ou os
deposita nos educandos passivos.**

Paulo Freire ⁸

¹ BRANDÃO, 2005, p. 34 apud JOLY; SEVERINO, 2016, p. 19

² FREIRE, 2019, p. 23

³ FREIRE, 2005, p.67

⁴ ALVES, 2012, p. 50

⁵ FREIRE, 2005, p. 79

⁶ SILVA, Agostinho da. in ALVES, 2012, p.103

⁷ FREIRE, 2005, p.97

⁸ FREIRE, 2005, p. 79

É PRECISO ARRISCAR E ACREDITAR



Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Paulo Freire ¹



Aos poucos vou aprendendo a importância do planejamento, de nos prepararmos para as aulas. É fundamental a chuva de referências, as alternativas e possibilidades, e o essencial, mesmo diante de um planejamento coerente, é nos colocarmos no risco ao entrarmos em sala de aula.

Encarar a novidade, o que as crianças trarão como resposta, acreditar que cada momento é um instante de produção e também de pesquisa faz a nossa rotina ter sentido na hora de propor experiências.

Aqui a gente mistura artes visuais com música, faz sucata virar instrumento, coloca as crianças de 8 anos para modelar peças de cerâmica, para ouvir o som do interior do próprio corpo, brinca de cantiga de roda e até experimenta filmar um processo de criação musical para mostrar em exposição.

Nenhuma dessas experiências é criada a partir de receitas, onde você tem os pesos e as medidas estabelecidas, o tempo de preparo e a espera por determinado rendimento, ao contrário, em sala de aula, cada sujeito reage de uma forma, interage de modos diferentes e conseqüentemente produz coisas particulares. É preciso estar aberto para receber aquilo que é de cada um.

Como disse Rubem Alves (2012, p. 51), o conhecimento dos alunos e alunas, de educadores e educadoras cresce, na medida em que crescem também as experiências vividas.



É próprio do pensar certo, a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo, que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Paulo Freire ²





Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Paulo Freire³





O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. [...] O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de riscos.

¹ FREIRE, 2019, p. 68

² FREIRE, 2019, p. 36-37

³ FREIRE, 2019, p. 47

⁴ BONDÍA, 2002, p. 24 e 25

ALEGRIA E SORRISOS QUE CONTAGIAM



Julho de 2019: SORRIA!

Esse capítulo é um presente. Presente pra mim, que registrei e vivi esses sorrisos, e pra você, que encontrará nas próximas páginas, a leveza que pode e deve estar na escola.

O prazer de estar, de fazer, de atuar, de dizer, é refletido no semblante dos que participam e se encontram em seus lugares.

Aqui a atividade proposta vira brincadeira, a bolsista que carrega uma voz de se admirar, curte ao se apresentar, a aluna que tem atendimento individualizado, aproveita o momento para se entregar e muitos outros instantes que guardo na memória, mas não foram capturados pelas lentes do celular.

São momentos e registros que fazem tudo valer a pena. A gente imagina, sonha, estuda, se especializa para nos tornarmos pessoas cada vez melhores, para entrarmos em sala de aula prontos para oportunizar a aprendizagem. Ter como resultado dos processos de trabalho, a alegria que foi registrada nessas fotografias é o maior retorno que podemos desejar.

Cada ação que gera resultado com felicidade, tanto para os educadores e educadoras quanto para os educandos e educandas dá força para voltarmos pra casa e recomeçarmos mais um dia – com mais planejamento, disponibilidade e sorrisos.

Mais uma vez destaco a espontaneidade das crianças. Quanto prazer eu sinto em trabalhar com elas! Apesar do grande desafio, o envolvimento e a entrega da maioria para aquilo que você propõe é gratificante demais.

Que possamos sempre criar, estar e vivenciar momentos felizes onde a alegria é natural, contagia quem está por perto e transmite força para continuar e crescer.

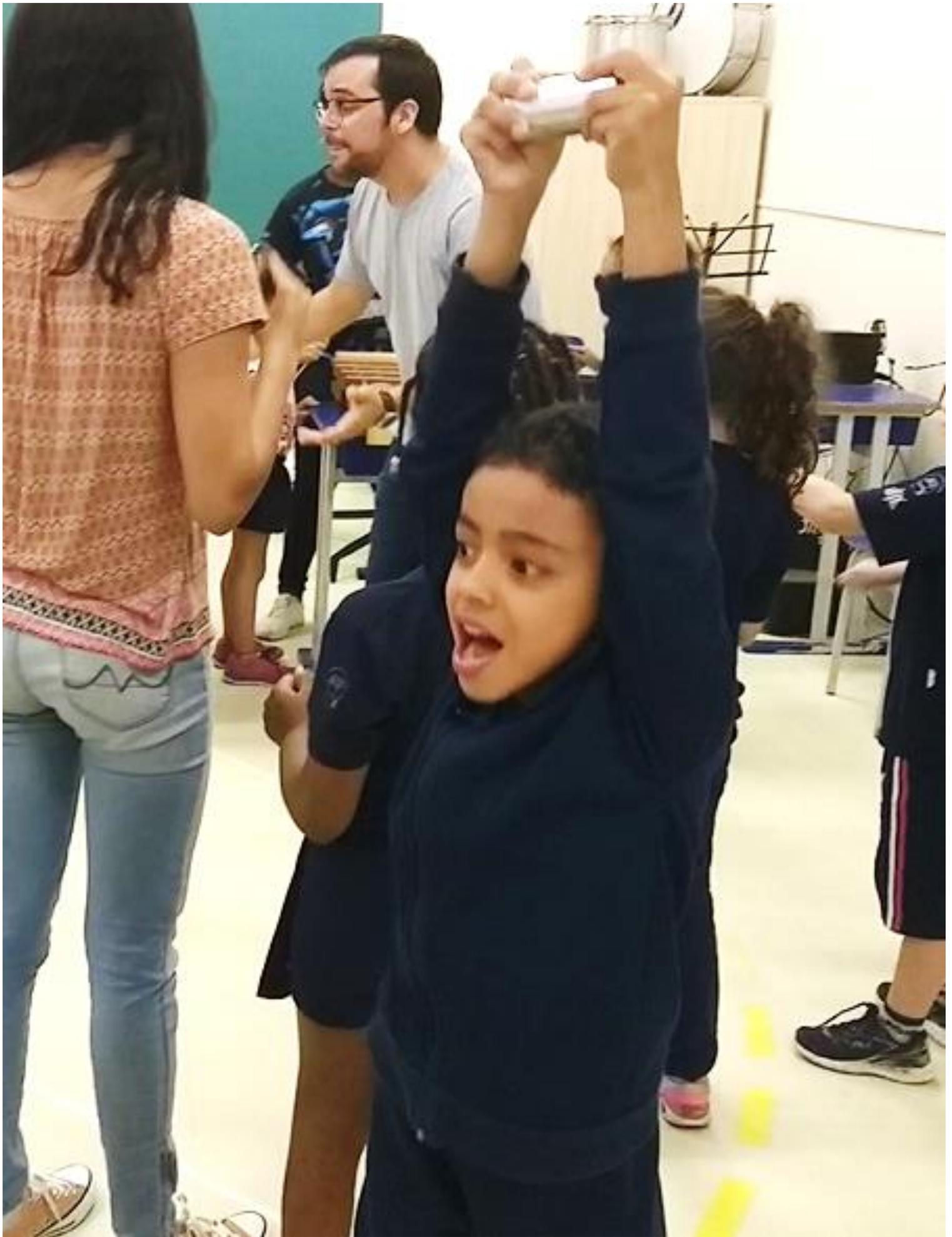


Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire 1



[...] os educandos descubram e sintam a alegria nela embutida que dela faz parte e que está sempre disposta a tornar todos quantos a ela se entreguem. A alegria na escola [...] não é só necessária, mas possível. Necessária porque, gerando-se numa alegria maior – a alegria de viver -, a alegria na escola fortalece e estimula a alegria de viver [...] significa mudá-la, significa lutar para incrementar, melhorar, aprofundar a mudança. [...] lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança no mundo.



A razão? Por elas mesmas. É bom estar com elas. Crianças têm um olhar encantado. [...] é fácil lidar com as crianças. Os olhos delas se encantam com tudo.

Por isso quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, um ninho de guaxo, uma concha de caramujo, o voo dos urubus, o zunir das cigarras, o coaxar dos sapos, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Dessas coisas, invisíveis aos eruditos olhos dos professores universitários (eles não podem ver, coitados; a especialização tornou-os cegos como toupeiras, só veem dentro do espaço escuro de suas tocas – e como veem bem!), nasce o espanto diante da vida; desse espanto, a curiosidade; da curiosidade, a fuçação (essa palavra não está no *Aurélio!*) chamada pesquisa; dessa fuçação, o conhecimento; e do conhecimento, a alegria!

Rubem Alves ³





Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros 4

¹ FREIRE, 2009, p. 139

² FREIRE in SNYDERS, 1993, p. 9-10 apud REDIN, 2010, p. 30

³ ALVES, 2012, p. 68

⁴ BARROS, 2018, p. 43

ENVOLVIMENTO E DEDICAÇÃO







A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Jorge Larrosa Bondía ¹





O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco.

Paulo Freire 2



Agosto de 2019: É PRECISO SE COMPROMETER

Somos fãs da brincadeira, do sorriso e da descontração. Por aqui a espontaneidade é sempre bem-vinda e acreditamos que esses momentos estão repletos de aprendizagem.

Esse capítulo vem mostrar que esses mesmos sujeitos que são *expert* na bagunça e adoram uma agitação também se dão bem em outras habilidades.

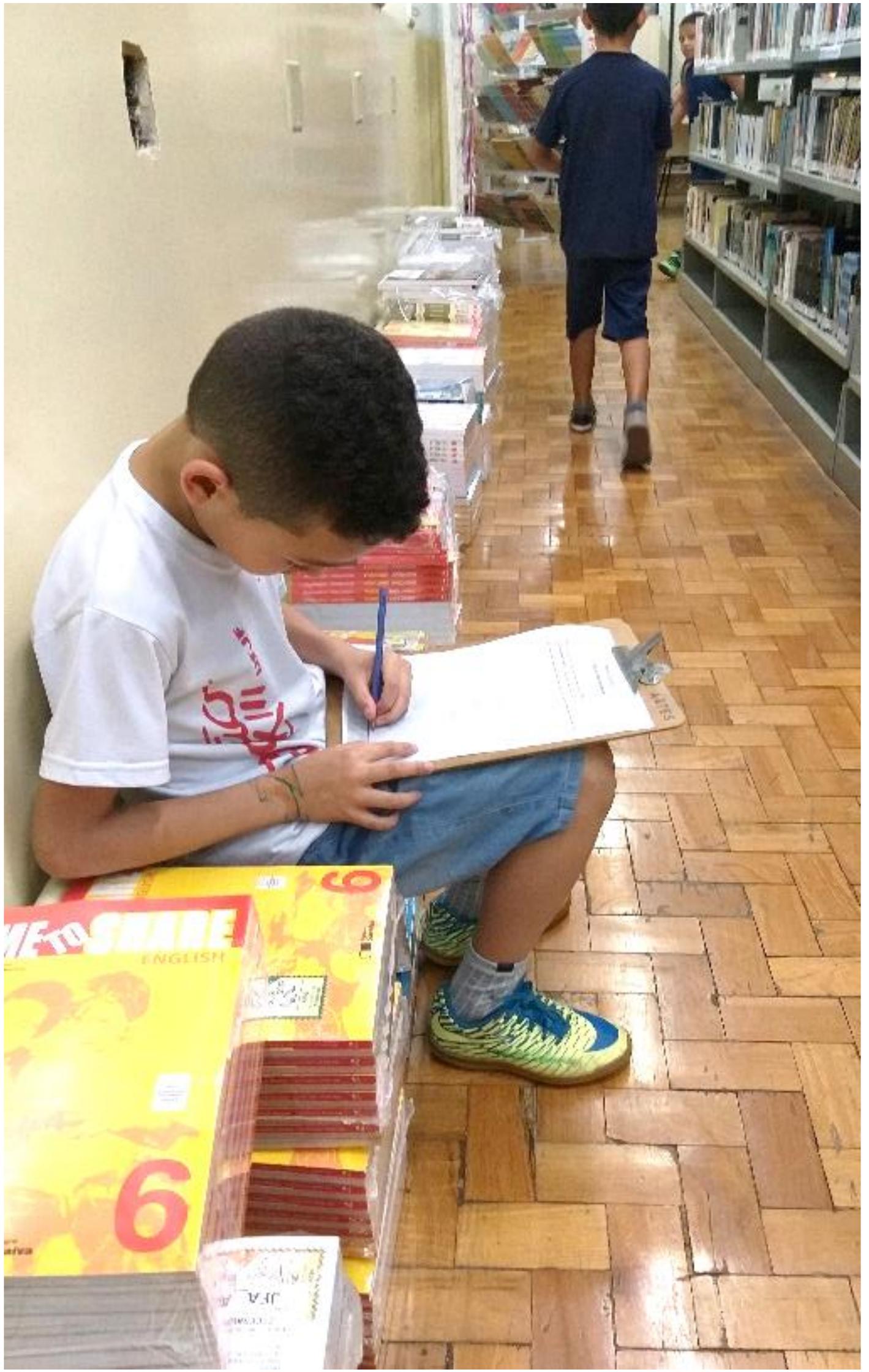
Experimentando a liberdade de estar e atuar em sala, sempre à procura de uma formação que caminha junto com a autonomia, ao serem escalados para determinadas funções, ao se reconhecerem em seus lugares, cumprem as tarefas com muito compromisso, sabedoria e dedicação.

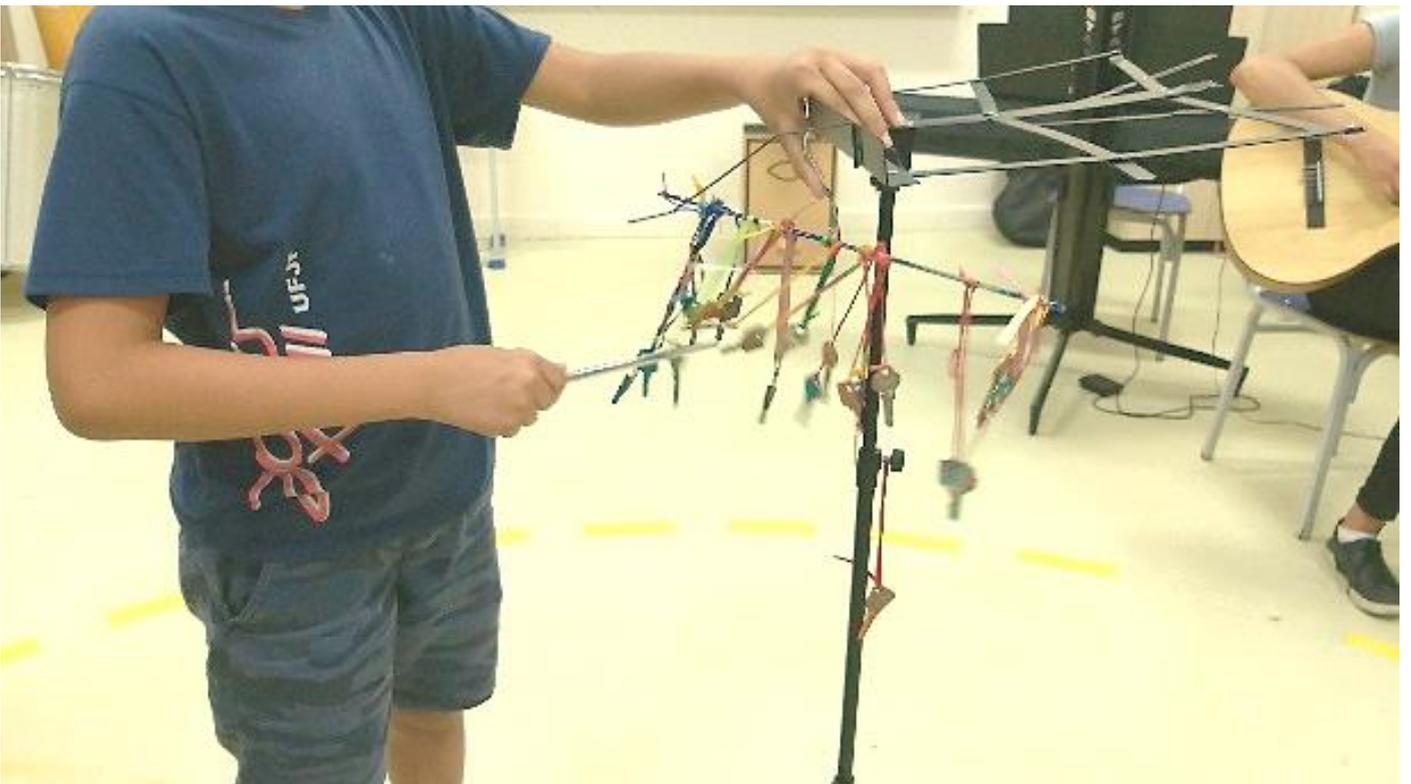
Ser o primeiro da fila para comandar o trem ou puxar o 'rabo da serpente' não é pra qualquer um! Iniciar e marcar o ritmo da música nas batidas do piano é uma responsabilidade e tanto. Iniciar o grupo da percussão de efeito tocando o instrumento Hidrofone, em que você é o protagonista naquele instante, é só pra quem pode!

As proposições passam a fazer mais sentido quando nos deparamos com os olhares atentos, com os movimentos cuidadosos, com os corpos preparados para encarar qualquer desafio.

As mãos de Mariana contornam, com delicadeza e precisão, os elementos da paisagem que ela vê e seleciona pelo vidro. Miguel escolhe uma pilha de livros para se apoiar e anotar os sons que são produzidos na biblioteca. Rafael olha o professor regente para saber com exatidão por quanto tempo ele permanece tocando seu carrilhão de chaves.

E assim seguimos, comprometidos com nossas funções.





“ENSINAR EXIGE RIGOROSIDADE METÓDICA”

[...] exigem a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.

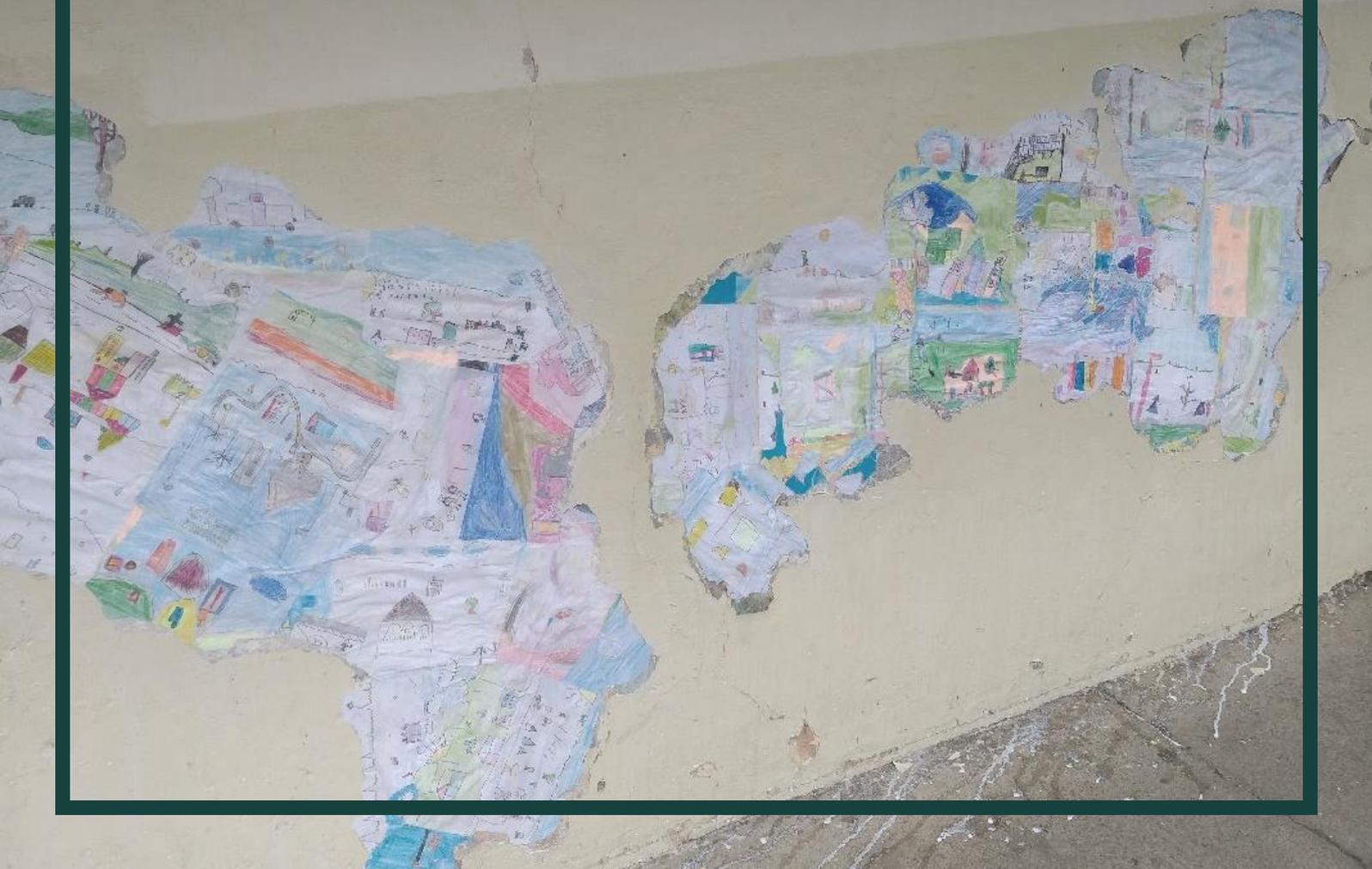
[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado

¹ BONDÍA, 2002, p. 21

² FREIRE, 2019, p. 91

³.FREIRE, 2019, p. 28

OCUPAR OS ESPAÇOS



Somos extremamente privilegiados por sermos contemplados com três salas de aula de artes visuais, um estúdio de cinema, uma sala de dança, dois laboratórios de educação musical, uma oficina literária com palco, coxia e camarim, entretanto o trabalho realizado pelos professores e professoras de artes enxerga, busca, ocupa, propõe a arte na escola, e não só nos espaço entre paredes que são reservados pra ela.

Extrapolar os limites também nos permite aprender para além dele. Quanto aprendizado existe nas entrelinhas, nos espaços que não estamos acostumados a olhar. Podemos e devemos também ocupá-los e explorá-los. Oportunizar momentos e didáticas em diferentes lugares da escola contribui com o sentimento de pertencimento. Se elas ocupam e atuam ali, quer dizer que aquilo também é delas. Consequentemente entenderão a responsabilidade e assim passarão a cumprir as regras de ocupação.

Por aqui, juntos, a gente desenha na janela da sala dos professores, a gente cobre os defeitos do muro com desenhos de criança, a gente deita no chão pra pintar a garrafa que vai virar instrumento musical, a gente deita no chão da biblioteca para poder ouvir melhor, a gente vai para os espaços externos da escola em busca dos sons que reconhecemos por lá e até subimos na mesa se fizer parte da dinâmica do dia.



**É indescritível que não imaginemos a
significação do “discurso” formador
que faz uma escola respeitada em
seu espaço. A eloquência do
discurso “pronunciado” na e pela
limpeza do chão, na boniteza das
salas, na higiene dos sanitários, nas
flores que adornam. Há uma
pedagogicidade indiscutível na
materialidade do espaço.**

Paulo Freire ¹



Uma casa, várias salas, crianças separadas em grupos chamados “turmas”. Nas salas, os professores ensinam saberes. Toca uma campainha. Terminou o tempo da aula. Os professores saem. Outros entram. Começa uma nova aula. Novos saberes são ensinados. O que os professores estão fazendo?

Rubem Alves ²

O espaço da escola tem de ser como o espaço do jogo: o jogo, para ser divertido e fazer sentido, tem de ter regras. [...] é um espaço onde se vive o que se aprende e se aprende o que se vive. É tão simples, não é?

Rubem Alves ³



Ah!... o chão da escola



Cadeira:

Na escola a maioria já sabe, vêm sempre acompanhadas de uma mesa, servem para apoiar o lápis, o livro e o caderno; costumam estar enfileiradas, mas dependendo do professor ou da professora as encontramos dispostas em semicírculo. Cada criança tem a sua, não é legal arrastá-las pelo chão (faz barulho!) nem trocá-las de lugar. Colocar o pé em cima? Não pode. Marcá-las ou rabiscá-las? De jeito nenhum!

Mas aqui, tem horas que a gente precisa arrastar todas elas para o canto, para formar a nossa banda. A paisagem coletiva montada no papel pardo, não dá altura para os muitos miúdos e ela vem pra dar uma forcinha. No final da aula de música, juntar algumas e deitar em cima como se fosse um colchão ou esconder debaixo delas como se fosse uma cabana, ajuda a curtir a canção de relaxar.

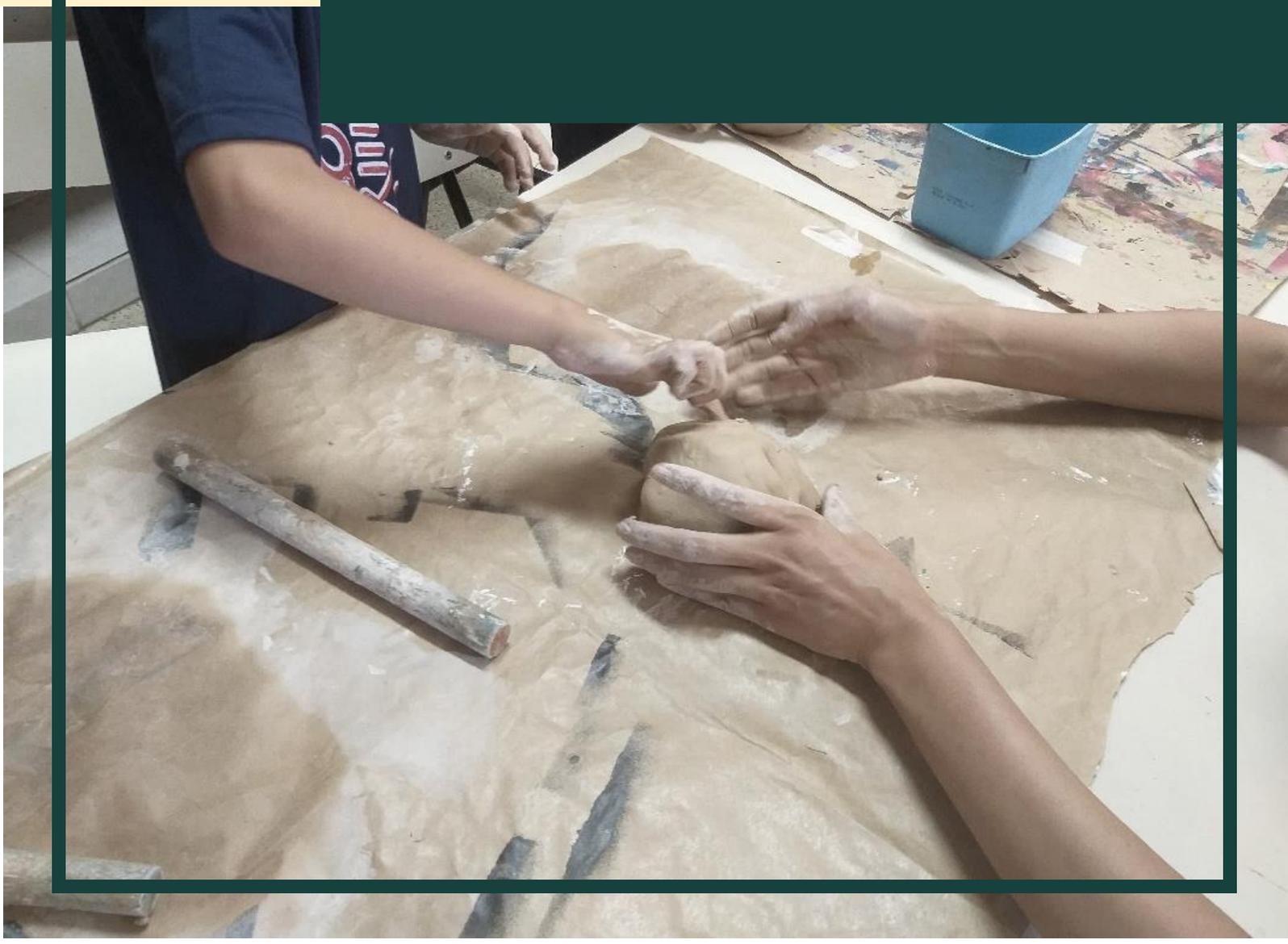


¹ FREIRE, 2019, p. 45

² ALVES, 2012, p. 53-54

³ ALVES, 2012, p. 70

A RIQUEZA DA TROCA





A amorosidade freiriana que percorre toda sua obra e sua vida se materializa no afeto como compromisso com o outro, que se faz engravidado da solidariedade e da humildade. Usando o prefixo *com*, ganha força a ideia de compromisso que pode significar prometer-se consigo e com o outro. Tarefa difícil que desafia uma solidariedade e de classe e a humildade não como submissão, mas como possibilidade de que a verdade também possa estar com o outro, em um emaranhado que envolve respeito como uma categoria de acolhimento das diferenças, não apenas como categoria cultural, embora também o seja, mas sua essência se constitui como categoria de conteúdo ético.

Cleoni Fernandes ¹





ARTES VISUAIS
Professora Renata

**O clima de respeito
que nasce de relações
justas, sérias, humildes,
generosas, em que a
autoridade docente e
as liberdades dos
alunos se assumem
eticamente, autentica
o caráter formador do
espaço pedagógico.**

Paulo Freire ²

**[...] o direito de saber
melhor o que já
sabem, ao lado de
outro direito, o de
participar, de algum
modo, da produção do
saber ainda não
existente.**

Paulo Freire ³

MÚSICA
Professor Pedro



Para Paulo Freire a educação é um ato político, portanto um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos. Envolve postura e atitude diante do mundo e do homem, que é diferente um do outro com suas culturas e crenças. Não são as teorias modernas ou os conceitos abstratos que educam. É a prática concreta que, sendo pensada à luz da teoria, transforma a realidade histórica de cada povo.

Moacir de Góes⁴



O pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.

Paulo Freire⁵

O fascínio e o desafio de explorar e partilhar os nossos bens mais ricos e pessoais – a alegria na descoberta, os conhecimentos que possuímos ou os momentos de aprendizagem que proporcionamos – fazem-nos crescer como educadores, mas essencialmente como pessoas.

Rubem Alves⁶

Lembro-me de tirar cada foto desse capítulo. Lembro-me de sentir orgulho e admiração por esses educadores em cada uma dessas cenas. Sentia-me feliz e satisfeita ao conseguir registrá-las e ao mesmo tempo, agradecida por estar aprendendo junto com eles.

Nesses cenários, docência e discência não são vistas de forma dicotômica. Pelo contrário, já vimos por aqui que os processos de ensinar e aprender caminham num mesmo trilho.

Professores e alunos são diferentes, ocupam posições distintas na dinâmica da escola, mas ambos ensinam e aprendem, são sujeitos que buscam o conhecer.

Os educadores e educadoras tem seus papéis sociais, não se igualam aos educandos no que se refere aos seus deveres, Freire nos lembra que:

[...] tenho de ser radicalmente democrático, responsável e diretivo. Não diretivo dos estudantes, mas diretivo do processo no qual os estudantes estão comigo. Enquanto dirigente do processo, o professor libertador não está fazendo alguma coisa aos estudantes, mas com os estudantes. (FREIRE, 1986, p.61 apud CUNHA, 2010, p. 124, grifo meu)

A educação só acontece no plural, os personagens dessas histórias são dependentes entre si. Não existe professor sem aluno e nem aluno sem professor.

Aproximar a relação entre essas duas figuras é o nosso objetivo e atentarmos sempre para ensinar de modo dialógico e não autoritário é o nosso ideal.

¹ FERNANDES, 2010, p. 37

² FREIRE, 2019, p. 90

³ FREIRE, 2000, p. 111

⁴ GÓES, 2010, p. 77

⁵ FREIRE, 2019, p. 39

⁶ ALVES, 2012, p. 73

DIÁLOGOS ENTRE ENSINAR E APRENDER



Parece ser mais simples falar com seus semelhantes. As crianças são naturalmente parceiras. Existe diálogo de aprendizagem o tempo todo entre elas.

Prova disso são os olhares, sejam eles de reprovação, incentivo, harmonia, tensão, afeto ou alegria. Não importa! São sempre olhares cheios de intenção e significado.

As crianças buscam pela sincronia entre elas. A brincadeira fica mais gostosa e divertida, faz mais sentido, quando todos estão “falando a mesma língua” e para as dinâmicas em sala de aula, a regra é a mesma.

Com as crianças aprendo diariamente que a atenção não necessariamente precisa e nem deve estar sempre voltada para a figura do educador ou da educadora. Em determinados momentos o diálogo que acontece entre as crianças faz muito mais sentido e vem carregado de ensino e de aprendizagem. São boas relações que não têm que ser criadas pelos professores, dadas para os alunos, são relações que simplesmente acontecem.

Aqui enfatizamos que a criança também ensina, caso vivencie ambientes acolhedores, em que possa se expor, se mostrar, se doar e partilhar com naturalidade. Os momentos de troca só acontecem em cenários onde o diálogo é o protagonista e cada integrante da comunidade é respeitado e valorizado.



O diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por N razões, entre elas porque a diferença entre eles os faz ser como são. Se fossem iguais, um se converteria no outro.

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas defendem-na e assim crescem um com o outro.

O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua.





As crianças estavam tocando por meio de uma leitura alternativa. Nessa escrita musical a *linha quebrada* ditava a hora da entrada e permanência do instrumento *triângulo* na música “Samba Lelê”. Fabrício e Natan olhavam atentos à regência do professor. Enquanto a baqueta apontava para a linha eles precisavam tocar o instrumento no ritmo comandado. Maria Antônia também estava no grupo dos triângulos, mas estava de costas para o professor e

para as linhas de referência. Maria não estava participando da aula ou será que desrespeitava a figura central do professor? Muito pelo contrário, ela tinha o mesmo olhar atento dos meninos e cuidava da sua postura e da delicadeza de cada movimento, mas naquele momento a sua referência e o seu foco de aprendizagem, eram os próprios amigos, que estavam ao seu lado.

Diário de campo, 18 de junho de 2019



Deveria fazer-se capaz também de “dar voz” e deixar que de fato “falem” com suas vozes as mulheres e os homens que, em repetidas investigações anteriores, acabavam reduzidos à norma dos números e ao anonimato do silêncio das tabelas.

Carlos Rodrigues Brandão ²



[...] uma pedagogia que entrelaça atores-autores e que é um aprendizado no qual, mesmo quando haja diferenças essenciais de saberes, todos aprendem uns com os outros e uns através dos outros. Uma pedagogia de criação solidária de saberes sociais em que a palavra-chave não é o próprio “conhecimento”, mas é, antes dele, o “diálogo.

Carlos Rodrigues Brandão e Danilo Streck ³

**Uns ensinam e, ao fazê-lo, aprendem.
Outros aprendem e, ao fazê-lo ensinam.**

Paulo Freire ⁴

Se estivesse claro pra nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de aluno, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

Paulo Freire ⁵

¹ FREIRE, 2000, p. 117-118

² BRANDÃO, 2006, p. 27

³ BRANDÃO e STRECK, 2006, p. 13

⁴ FREIRE, 2000, p. 112

⁵ FREIRE, 2019, p. 44-45

AUTONOMIA E (NA) CRIAÇÃO



A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

Paulo Freire ¹



Ao final da aula de hoje, Valentina – até então eu não sabia o nome daquela menina – levantou a mão e perguntou se podia cantar uma música para os seus amigos. - Mas é claro que sim! Mesmo que a aula não fosse de música.

A garota de 6 anos, cabelos castanhos e cacheados, ficou à frente dos seus colegas que formaram a plateia e logo começou a cantarolar uma introdução – lembro que ficamos eu, Pedro e os bolsistas com a sensação de “o que será que está vindo por aí?” Quando de repente, no primeiro verso da canção todos começaram a cantar junto com ela. Todas as crianças da turma e mais a Marina, a Juliana e o Guilherme (bolsistas) formaram um coral harmonioso.

Eu e Pedro fizemos uma cara de interrogação imaginando por que só a gente não conhecia aquela música? Nesse momento, nós é que fizemos a figura da plateia. Era alguma música de sucesso, que provavelmente faz parte do *ranking* das mais tocadas nas rádios da cidade, mas não fazia parte do nosso repertório.

Quanto pudemos aprender nesse dia ao percebermos que uma das canções trazidas por uma criança virou a parte mais legal da aula! Além de ter sido muito valioso conhecer um pouquinho daquilo que eles gostam e faz parte do dia-a-dia da comunidade da qual nós também fazemos parte.

Diário de campo, 08 de outubro de 2019

Já conversamos em outros capítulos sobre a riqueza da troca, sobre o quanto a criança ensina sobre os diálogos entre o ensinar e o aprender. Quanta coisa a gente aprende quando oferecemos um ambiente de autonomia – espaços onde os participantes da educação estejam abertos e disponíveis para atuação e criação!

Almejo uma pedagogia onde se criem e apareçam muitas *Valentinas* para alegrar e motivar as nossas aulas, os nossos planejamentos não planejados.

No fundo, ninguém chega lá, partindo de lá, mas de um certo aqui. Isso significa, em última análise, que não é possível ao(a) educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiência feitos” com que os educandos chegam à escola.

Paulo Freire ²

A arte ultrapassa o mero entretenimento, pois existem outras possibilidades que são pouco vivenciadas na escola e, que, têm uma relação profunda com a atividade de criação humana. A imaginação é uma delas. Ela é a base da atividade criadora. E a base da imaginação é a experiência. Quanto mais experiências a criança tiver, mais material ela terá para imaginar e criar.

Andréia Pereira de Araújo
Martinez ³



Estávamos em processo de criação. Depois das crianças terem escolhido o tema *halloween* para dar vida a uma composição musical, o desafio era pensar em sons que combinassem com o tema e encontrar instrumentos que pudessem representar tais escolhas.

Depois de sugestões como a porta batendo, a janela rangendo, a bruxa dando gargalhada, Levi levantou a mão empolgado e disse “podia ter o sangue vermelho na parede”.

Ué, mas não era pra pensarmos em sons? Levi estava pensando no cenário através da imagem - talvez por causa da parceria entre as aulas de artes visuais e música e o planejamento interdisciplinar pensado por nós.

Eu e Pedro já estávamos preparados para corrigi-lo. Mas antes, Pedro o indagou: “mas como podemos fazer o som do sangue? ”Levi não tinha resposta para o seu próprio problema.

No entanto, rapidamente Felipe interrompeu e disse “ué, com esse chocalho aqui. A gente faz assim: *screeech*, e vai ficar parecendo o sangue escorrendo na parede”.

Sem muitas palavras e explicações, o problema foi resolvido por uma criança. Felipe depois de solucionar a ideia de seu colega, ficou responsável por tocar o instrumento afoxé que representaria o sangue.

O aprendizado maior, mais uma vez, foi nosso, ao deixar o aluno falar e contemplá-los com o melhor das nossas escutas. Eles também carregam as soluções e os ensinamentos.

Levi e Felipe seguem parceiros, na música, na escola, na vida.

Diário de campo, 05 de junho de 2019



Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.



Ser autônomo significa escolher seus afins e partilhar, verdadeiramente, com o outro o que se busca. Só assim pode-se verdadeiramente exercer a possibilidade que todos possuem de criar, o que acontece por meio da não delimitação, não determinação, não normatização e não padronização das possibilidades humanas.

Patrícia Pedriva e Elizabeth Tunes ⁵





**Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir.
A autonomia vai se construindo na experiência de
várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.**

Paulo Freire ⁶

A criança, sua leveza, disponibilidade, abertura e inocência ganham protagonismo quando pensamos em criação e autonomia. Quanto menor as crianças são, mais puro e natural parecem os momentos de interação e invenção.

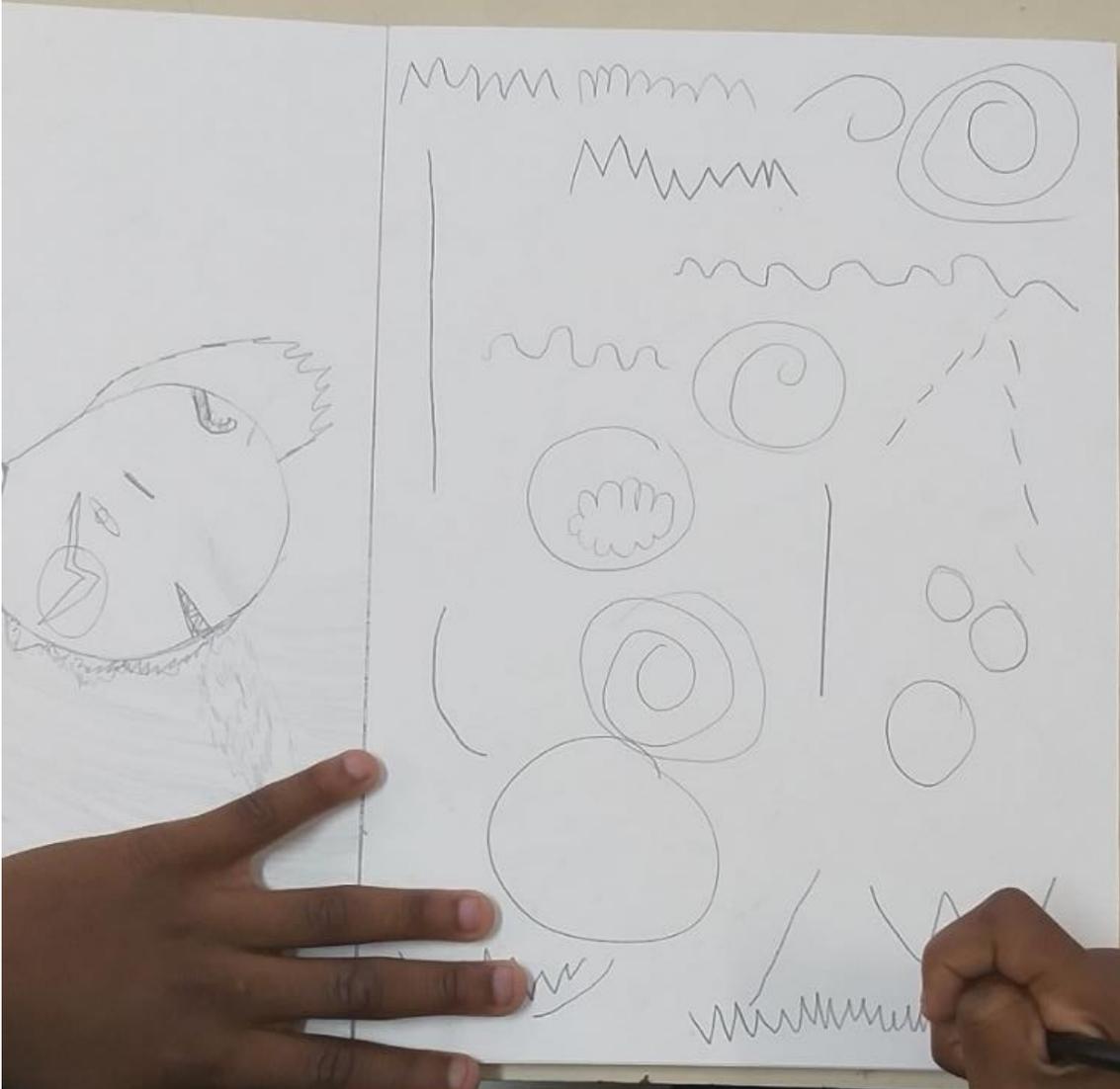
Vivemos numa sociedade cheia de preconceito, carregada de julgamento, dominada por um sistema de hierarquização que me parece nos calar e pregar pela nossa manipulação e padronização. Em meios como esses se tornam mais difíceis de imaginar, inovar, arriscar e errar. Precisamos nos atentar para os reflexos disso tudo dentro da escola.

Se almejamos adultos críticos, autônomos e livres, precisamos investir nos momentos de criação. Valorizar educandos e educandas que interagem, expressam suas opiniões, fazem escolhas e criam.

Martinez (2015) nos ajuda a pensar que o trabalho com a arte tem o poder de estimular a criação, mas para isso ela não deve se reduzir ao sentimento do agradável ou apenas aos momentos de entretenimento e descontração. Na arte é preciso experimentar, perceber, vivenciar e refletir para passar pelas experiências de imaginar, combinar, modificar e criar, junto com o prazer e com a alegria.

Na nossa escola, as crianças transformam o som em imagem, fazem sucata virar instrumento e ainda inventam o seu próprio jeito de tocá-los, vão à procura da identificação da paisagem sonora, escolhem os elementos da cidade que querem passar para o papel, modelam o barro para escutar o interior do seu próprio corpo. Aqui elas escolhem, inventam e criam.

Nós professores criamos possibilidades, provocamos ações, planejamos e orientamos para que as experiências de autonomia e criação aconteçam.



O trabalho com tinta sempre encanta as crianças e especificamente nesse contexto do João XXIII me surpreende vê-las valorizando seus trabalhos. Ficam satisfeitas com os resultados, nos chamam, sempre, para ver o quão bonito ficou.

Na aula de hoje, Felipe me chamou e disse “vira a folha aqui pra mim, pra eu pintar aquele detalhe ali e atingir a perfeição!”

É muito gostoso esse ambiente da criança, onde ainda não existe tanto julgamento e desvalorização do próprio potencial. Elas são espontâneas e estão ali sempre prontas para trabalhar e criar no que você vier propor.

Diário de campo, 18 de junho de 2019

¹ FREIRE, 2019, p. 105

² FREIRE, 2000, p. 59

³ MARTINEZ, 2015, p. 15-23

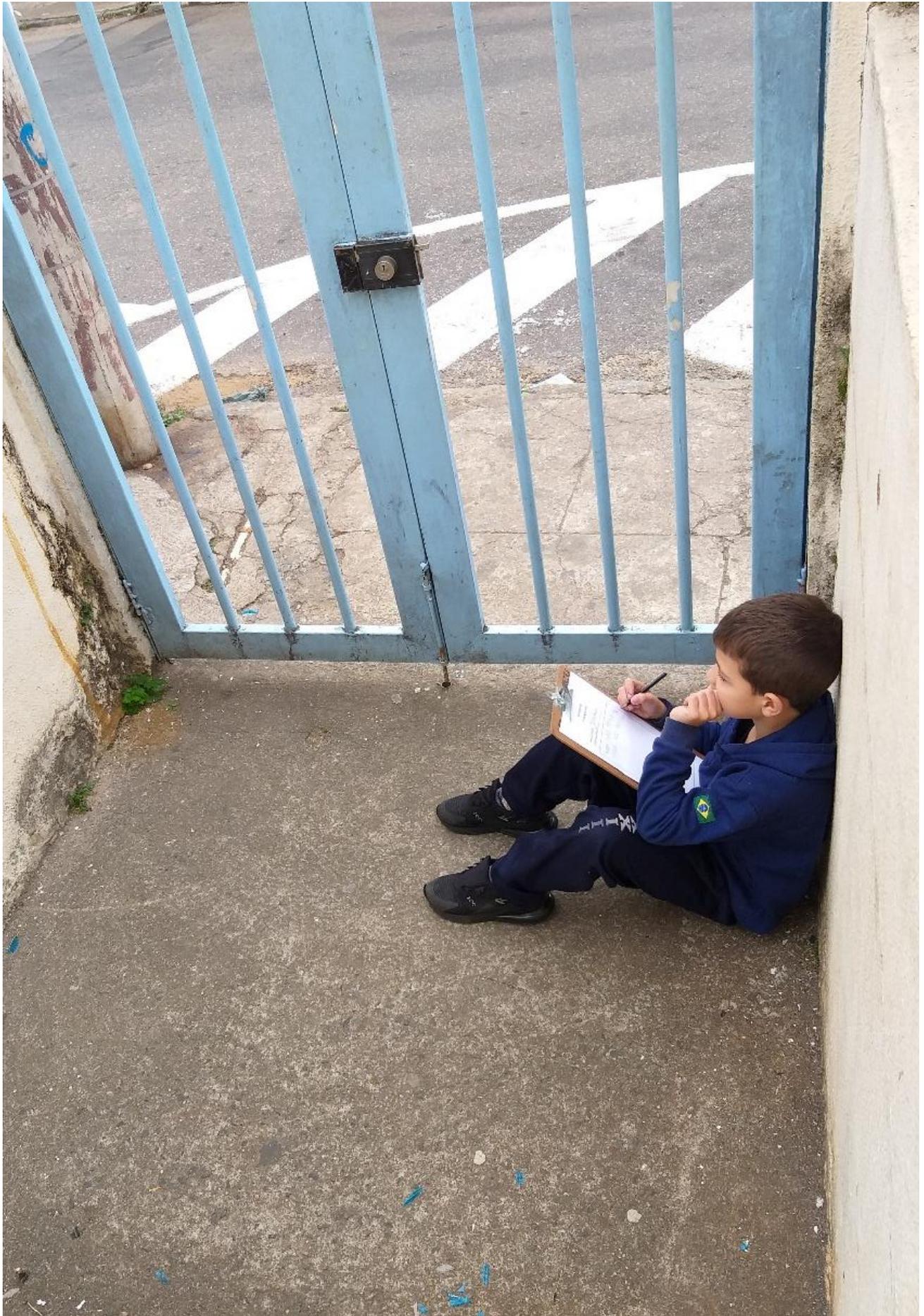
⁴ FREIRE, 2019, p. 42

⁵ PEDRIVA e TUNES, 2013, p. 166 apud OLIVEIRA, Pedro A. D. de, 2015, p. 107

⁶ FREIRE, 2019, p. 105

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA





Janeiro de 2020: TEMPOS DE ATIVAR OS OUVIDOS

Atenção, concentração

Abra os ouvidos

Pare, olhe, escute

Está ouvindo o canto dos bem-te-vis?

E os pingos de água da chuva batendo no chão?

Não? Tem pingo grosso e pingo fino, ouça bem.

Tem pés que correm, que andam e que rastejam,

Tem professora que grita e também pede silêncio

Shiiiiiiiiiu

Quero ouvir os dedos digitando o teclado

E os outros que estão folheando os livros

E se prestar bem atenção,

Tem até borracha caindo no chão.

Na rua lá fora,

Carro, ônibus e caminhão.

Se olhar pela janela, fica mais fácil ouvir o avião.

Criança aqui dentro, criança lá fora

Corre, grita, canta, suspira

Vem escutar os sons da nossa escola

Quantas coisas eles podem nos dizer sobre ela?

Em um exercício de paisagem sonora as crianças nos ensinam o quanto elas são atentas e sabem ouvir. E nós, sabemos? Paulo Freire dá nome a um dos capítulos da sua obra (Pedagogia da Autonomia) a afirmação “ensinar exige escutar”. E nós já sabemos que o ensinar caminha junto com o aprender, então a escuta se apresenta como ferramenta e estratégia do ensino e da aprendizagem.



Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano.

Paulo Freire ¹

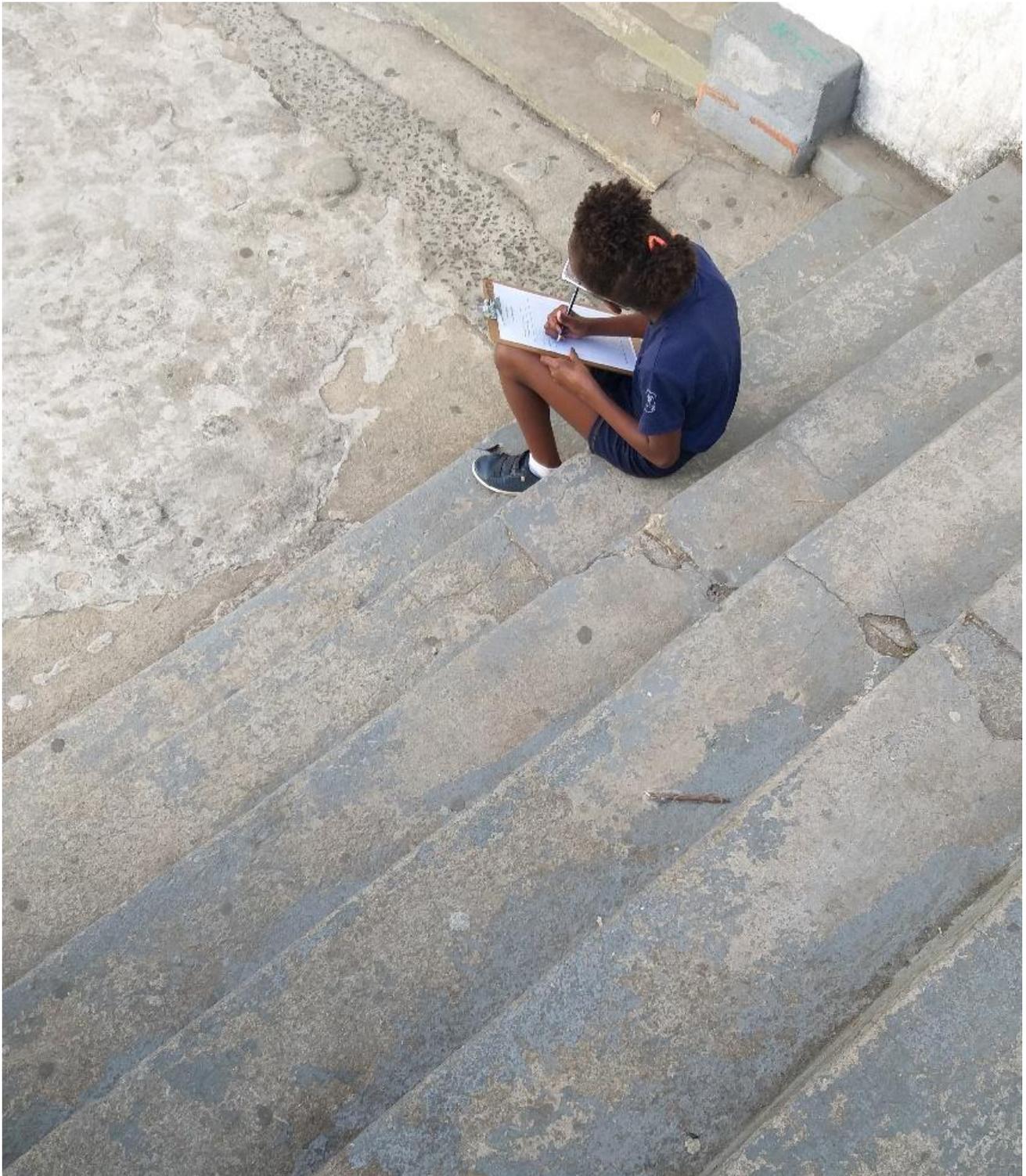


LIXO
NÃO
TEM PÉ
MAS TEM
LUGAR
NA LIXEIRA



É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando.

Paulo Freire ²





¹ FREIRE, 2019, p. 84

² FREIRE, 2019, p. 121

O EDUCADOR E A AUTORIDADE



Ninguém consegue ensinar aquilo de que não gosta, ou então aquilo que não sabe ou não percebe.

Rubem Alves ¹



Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade.

Paulo Freire ²

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se.

Paulo Freire ³



O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir.

Paulo Freire ⁴

O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento que negam o que venho chamando a vocação ontológica do ser humano.

Paulo Freire 5



O professor nunca poderá deixar de ser uma autoridade ou de ter autoridade, pois sem ela é muito difícil modelar a liberdade dos alunos. A liberdade precisa de autoridade para se tornar livre [...] A questão, pra mim, no entanto, é que a autoridade saiba que ser fundamento está na liberdade dos outros; e se a autoridade nega essa liberdade e corta a relação que a embasa, então deixa de ser autoridade e se transforma em autoritarismo.

Paulo Freire 6





Fevereiro de 2020: “ENSINAR EXIGE SEGURANÇA, COMPETÊNCIA PROFISSIONAL E GENEROSIDADE”

Rubem Alves (2012) ironicamente nos apresenta uma comparação entre professor universitário e professor primário.

Professor universitário é doutor, cientista, pesquisador, publica em revistas internacionais artigos em inglês sobre coisas complicadas que ninguém mais sabe [...]. Professor primário é professor de 3ª classe, não precisa nem ter mestrado nem falar inglês, dá aulas para crianças sobre coisas corriqueiras que todo mundo sabe. Crianças – essas coisinhas insignificantes, que ainda não são (ALVES, 2012, p. 66)

Acabo de apresentar por meio das fotografias, um professor universitário-primário. Um caminho acadêmico (a exigência para atuar por aqui) cumprindo um trajeto já conhecido por todo mundo, entretanto, no meio dele, escolhas humanizadoras, pesquisas participantes, olhares sensíveis, mergulho pela cultura, descoberta e valorização dos saberes tradicionais e muito amor pelas criaturas miúdas.

Pedro ensina o que sabe, ensina o que gosta, brinca junto, levanta os braços e tira os pés do chão. Com ele aprendi a me apaixonar ainda mais pelo nosso patrono da educação, Paulo Freire, e também a buscar, todos os dias, pelo equilíbrio de estar em sala, sempre com o pensar ativado para aquilo que se refere ao uso da autoridade a favor da liberdade.

É um aprendizado constante, um desafio que não tem fim. Nós somos gente, ensinamos gente e aprendemos com gente. Nós somos e as crianças são.

Educação musical humanizadora é aquela que não dicotomiza a formação musical do indivíduo da sua formação humana. Ambas caminham juntas em prol de um ensino de excelência. Entende-se que um ensino musical de excelência não negligencia os conteúdos musicais, mas o faz levando em conta a humanidade do educando. Pretende promover o diálogo, a autonomia, a criticidade, a pronúncia no mundo, conduzindo assim à libertação.

Mariana Galon e Ilza Zenker Leme

Joly ⁷

Para Paulo Freire “o homem integrado é o homem Sujeito” (FREIRE, 1980, p.42), isto é, um homem enraizado não só historicamente, mas acima de tudo aquele que expressa tal humanização; Ele exercita sua liberdade, assume as tarefas de seu tempo, reflete e analisa-as, posicionando-se criticamente e tomando decisões que interferem e alteram a realidade. Faz isso junto com os demais, em comunhão: dialoga e age.

Cecília Irene Osowski ⁸

¹ ALVES, 2012, p. 88

² FREIRE, 2019, p. 101

³ FREIRE, 2019, p. 89

⁴ FREIRE, 2019, p. 43

⁵ FREIRE, 2019, p.86

⁶ FREIRE, 1986, p. 115 apud CUNHA, 2010, p. 331

⁷ GALON e JOLY, 2016, p.80

⁸ OSOWSKI, 2010, p. 382

ONDE ESTÃO OS EDUCADORES E AS EDUCADORAS?



Com a intenção de fazer as relações de ensino e aprendizagem caminharem juntas e por toda parte, buscamos pela construção de uma comunidade onde todos possuem vozes. Procuramos atentar para o constante cuidado em não deslizararmos nas atitudes autoritárias e almejamos transformar os momentos carentes de diálogo.

É importante a figura do professor ou da professora regente de turma se misturar com os monitores e monitoras juniores, com os e as bolsistas de treinamento profissional, com as residentes docentes e também com as crianças. Alguns desses personagens ocupam com mais clareza o lugar de aprendiz. A sala de aula é um espaço de formação, tanto humana, quanto profissional, mas todos devem saber que ao fazer parte da comunidade, também ensinam.

Na disposição física dos espaços, não há necessidade de um personagem se destacar. Não obrigatoriamente é só uma figura quem dita regras e comanda o exercício. A busca na nossa sala de aula é pela horizontalidade, onde todos possam se sentir pertencentes e potentes no papel de ensinar.

As coisas passam a fazer mais sentido quando a gente entra na roda e dança junto, deixa a criança falar, dá dicas só com gestos precisos das mãos, comanda a orquestra da fileira lá de trás e convida a criança para fazer parte da regência musical. Esses são exemplos de práticas do dia-a-dia que revelaram relações de respeito, humildade e sintonia gerando bem estar na sala de aula.

Enquanto educadora, perceber que o papel de ensinar caminha ao lado do de aprender e que os educandos e educandas são protagonistas nos processos de aprendizagem, trouxe-me a certeza de que eu ensino ao mesmo tempo que aprendo. Por aqui eu aprendi e continuo a aprender.



Todo grupo humano que se reúne em algum tempo e lugar com o propósito de estabelecer uma interação fundada na troca de símbolos, de sentimentos, de sentidos e de significados dirigidos a uma busca solidária de algum tipo de saber, através da qual todos se ensinam e aprendem mutuamente, constitui uma *comunidade aprendente*. A sala de aula de uma escola pode ser um se seus exemplos.

Carlos Rodrigues Brandão ¹



Há escolas em que as regras são de todos. Outras, em que as regras são de um. Há escolas em que as salas são dos professores; outras, em que as salas também são dos alunos.

Rubem Alves ²



Ensinar-aprender são partes do mesmo processo de conhecer, isto é, de compreender, intervir e transformar a realidade. A produção de conhecimento situa-se em vários lugares, cada um desses como características próprias de acordo com os papéis que cabem aos respectivos atores.

Danilo Streck ³



Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas.

Paulo Freire 4



**A prática educativa é tudo isso:
afetividade, alegria, capacidade
científica, domínio técnico a
serviço da mudança.**

Paulo Freire ⁵

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não passivada, enquanto fala ou enquanto ouve.

Paulo Freire ⁶



¹ BRANDÃO, 2003, p. 113 apud JOLY e OLIVEIRA, 2016, p. 66

² ALVES, 2012, p. 84

³ STRECK, 2006, p. 266

⁴ FREIRE, 2000, p. 110

⁵ FREIRE, 2019, p. 140

⁶ FREIRE, 2019, p. 83

**FAZ BEM SE
ENTREGAR**



A confiança é construída por atitudes de respeito como acolhimento, nos limites das relações humanas possíveis, entremeadas de afeto e de disponibilidade para o diálogo.

Cleoni Fernandes ¹





**Pode relaxar, descansa
Pode descansar, relaxa
Pode relaxar, descansa sem falar**

**Feche os olhos, não pense em nada,
Pode relaxar, descansa
Feche os olhos, não pense em nada
Pode descansar sem falar**

**Pode espreguiçar, espreguiça
Pode espreguiçar, espreguiça
Pode espreguiçar, estica os braços
E estica o corpo e espreguiça**

Margareth Darezzo

De forma serena, inocente e tranquila, sintetizo, compartilhando cochilos e uma canção de ninar, um pouco do que conversamos e também do que aprendi nesse processo de formação.

Esse é o capítulo de encerramento. Chegamos ao fim de 13 meses de experiência. Depois de muito trabalho, nada melhor do que relaxar e descansar. Essa era quase uma regra dos cinquenta minutos de aula de música das crianças do primeiro ano.

Observando a infância fica fácil enxergar o constante desenvolvimento do ser e do saber, a entrega ao outro e a fascinação pelas descobertas. É por esse motivo que são os pequenos a minha maior inspiração. O estado da disponibilidade é mais vívido sim no início da vida, mas ele também nos acompanha no amadurecimento e deve fazer parte da rotina de nós professores e professoras iluminando nossas práticas.

Aprendi com as crianças que para se esparramar no chão e dormir, é preciso confiança. O chão torna-se confortável ao lado do amigo, ao som do piano e da voz da Marina. Quanta alegria perceber que proporcionamos um ambiente seguro, de acolhimento e confiança.

Saber se arriscar, se contagiar com sorrisos, ocupar os espaços, trocar, dialogar e escutar, olhar para os corpos e valorizar a arte são alguns dos ingredientes preciosos e essenciais para a construção e manutenção da escola que acreditamos.



PALAVRAS DE ENCERRAMENTO

Junto com as perguntas que despertaram meu olhar para escola e para as crianças, apresento tantas outras, nos dada por Paulo Freire (2000), que me instigaram e alimentaram nessa caminhada:

Que é ensinar? Que é aprender? Como se dão as relações entre ensinar e aprender? Que é o saber da experiência feito? Podemos descartá-lo como impreciso, desarticulado? Como superá-lo? Que é o professor? Qual seu papel? E o aluno, que é? E o seu papel? Não ser igual ao aluno significa dever ser o professor autoritário? É possível ser democrático e dialógico sem deixar de ser professor, diferente do aluno? Significa o diálogo um bate-papo inconsequente cuja atmosfera ideal seria a do “deixa como está para ver como fica”? Pode haver uma séria tentativa de escrita e leitura da palavra sem a leitura do mundo? Significa a crítica necessária à educação bancária que o educador que a faz não tem o que ensinar e não deve fazê-lo? Será possível um professor que não ensina? Que é a codificação, qual o seu papel no quadro de uma teoria do conhecimento? Como entender, mas, sobretudo viver, a relação prática-teoria sem que a frase vire frase feita? Como superar a tentação basista, voluntarista, e como superar também a tentação intelectualista, verbalista, *blablablante*? (FREIRE, 2000, p. 135-136)

No decorrer desse trabalho e desse ano de imersão no Colégio de Aplicação João XXIII, acompanhando as aulas de Artes Visuais e Música, consegui responder algumas dessas perguntas e mostro a vocês em forma de fotografias, palavras e relatos. Entretanto o descobrir ser professora é também descobrir sempre voltar nessas perguntas e refletir

sobre a prática docente e todas as relações de ensino e aprendizagem que ocorrem nos espaços que percorremos. Sonhar com a contribuição para formação, como dizia Alves (2012, p. 100), de uma “sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos”, envolve muito compromisso e esperança. Quanta potência os educadores e educadoras carregam em suas mãos, e quantas possibilidades de despertar os sujeitos podemos compartilhar.

Saio uma pessoa, uma professora, uma aluna, muito melhor do que entrei no início desse programa. Todos os espaços por onde passei contribuíram para minha formação e tenho um apreço especial por esse Colégio por ter me acolhido e me ensinado tanto.

Durante o Programa de Residência Docente, além dos acompanhamentos em sala de aula, participamos de reuniões pedagógicas, grupos de pesquisa e disciplinas que nos trouxeram questões fundamentais como a escola inclusiva, o despertar para o pensar necessários aos direitos humanos e também as alternativas do saber atrelado às potências das tecnologias. Além de trabalhos de campo onde visitamos comunidades quilombolas e também assentamentos: integrantes do movimento da reforma agrária.

Foi essa diversidade de atividades e recursos que me permitiram perceber como os aprendizados que acontecem na escola se comunicam com os aprendizados da vida. O aprender está atrelado à comunidade. Eles acontecem coletivamente, entre pares, também entre seus semelhantes, na espontaneidade e na alegria.

Tanta coisa se passa nas entrelinhas, nos lugares que passamos mas não costumamos olhar. São aprendizados

que têm a ver com os gestos, com as trocas, com o corpo e o movimento, mas na maioria das vezes são miúdos e sutis. Aquilo que está na fresta, costuma também estar à margem e cabe a nós trazê-los para o ambiente do protagonismo - aproveitar cada momento como um ensinamento.

Ser professora não é uma tarefa fácil. É uma busca constante pelo equilíbrio. É nunca desvincular-se da reflexão, do estado de consciência do que se pretende ser e estar.

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos.
(FREIRE, 2019, p. 70)

É um caminho que busca e conquista êxitos e acertos, mas também é recheado de muitos erros, dos quais colhemos (e continuaremos colhendo) ensinamentos.

Faz bem compreender que necessitamos mais de interrogações do que de certezas.

O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodologicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica. Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros substantivamente exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético.

(FREIRE, 2019, p. 46)



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. *In*: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.) **Pesquisa Participante: O saber da Partilha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. *In*: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.) **Pesquisa Participante: O saber da Partilha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 7-20

CUNHA, Maria Isabel da. Discência/Docência. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 123.

CUNHA, Maria Isabel da. Professor (Ser). *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 331.

EGAS, Olga Maria Botelho. Metodologia artística de pesquisa baseada em fotografia: a potência das imagens fotográficas na pesquisa em educação. *In* **24º ENCONTRO ANPAP. Compartilhamentos na Arte: redes e conexões**, 22 a 23 de setembro de 2015, Santa Maria, RS.

FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 37.

FERNANDES, Cleoni. Confiança. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 82

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. Corpo. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 93

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALON, Mariana; JOLY, Ilza Zenker Leme. A convivência nas atividades de criação musical coletiva: colaboração e partilha que geram transformações. *In*: JOLY, Ilza Z. L.; SEVERINO, Natália B. (Orgs.) **Processos educativos e práticas sociais em música**: um olhar para educação humanizadora. Pesquisas em educação musical. Curitiba, PR: CRV, 2016.

GÓES, Moacir de. Coletivo. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 77.

GUIMARÃES, Leda. Narrativas visuais: ferramentas estéticas/investigativas na experiência docente. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v.13, n.22, p. 32-53, jul./dez. 2010.

JOLY, Ilza Zenker Leme; OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. Ensino coletivo de música: aprendendo por meio da convivência. *In*: JOLY, Ilza Z. L.; SEVERINO, Natália B. (Orgs.) **Processos educativos e práticas sociais em música**: um olhar para educação humanizadora. Pesquisas em educação musical. Curitiba, PR: CRV, 2016.

JOLY, Ilza Zenker Leme; SEVERINO, Natália Búrigo. Definindo conceitos: o que é isso que chamamos de educação musical humanizadora? *In*: JOLY, Ilza Z. L.; SEVERINO, Natália B. (Orgs.) **Processos educativos e práticas sociais em música**: um olhar para educação humanizadora. Pesquisas em educação musical. Curitiba, PR: CRV, 2016.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, nº 19, p. 20-28, 2002.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo. A criança, a escola e a educação estética. *In*: MARTINEZ, A. P. de A.; PEDERIVA, P. L. M. (Orgs.) **A Escola e a Educação Estética**. Curitiba, PR, 2015. p. 15-23.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. Educação musical na infância e humanização: uma experiência a partir do ensino coletivo de música. *In*: MARTINEZ, A. P. de A.; PEDERIVA, P. L. M. **A escola e a Educação Estética**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

OSOWSKI, Cecília Irene. Sujeito/Objeto. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 382.

REDIN, Euclides. Alegria. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 30.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo. *In*: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.) **Pesquisa Participante: O saber da Partilha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 259-276.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre métodos e metodologia. *In*: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.) **Pesquisa Participante: O saber da Partilha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 259-276



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA



Colégio de Aplicação
João XXIII